

## Crescimento e estabilização na Coréia do Sul, 1950-86

Fernando Dall'Acqua\*

O desenvolvimento econômico da Coréia do Sul tem sido insistentemente destacado pelo sucesso em sustentar um rápido crescimento, baseado em um sistema econômico orientado para exportação. Na esteira desse sucesso, economistas e, principalmente, agências multilaterais de crédito têm idealizado a generalização da orientação "para fora" para as economias em desenvolvimento. Neste artigo, tem-se como objetivo analisar os principais aspectos do processo de desenvolvimento da Coréia do Sul, procurando-se identificar as razões para o sucesso de seu modelo exportador. A história do modelo exportador é analisada, cronologicamente, através de seus planos de desenvolvimento econômico. Estes planos foram realizados em duas etapas. A primeira, entre a independência em 1948 e 1959, quando se realiza um grande esforço de reconstrução da economia devastada pela guerra; e a segunda etapa após 1960, quando se define a orientação "para fora" da economia coreana. A análise focaliza com destaque o programa de ajustamento econômico do início dos anos 80 e suas implicações para a estabilização dos preços e crescimento balanceado.

*1. Período de reconstrução nacional: 1950-60; 2. O esforço para a auto-suficiência: 1960-71; 3. A consolidação do modelo exportador: 1972-76; 4. O Estado e os chaebols; 5. O agravamento da dependência externa: 1977-81; 6. Sobre a política cambial; 7. Um ajustamento bem-sucedido: 1979-82; 8. Os desafios nos anos 80.*

### 1. Período de reconstrução nacional: 1950-60

Na primeira etapa, foram realizados dois planos (Nathan Report e Three-Year Task Assistance Program), que se caracterizaram por uma grande assistência técnica e financeira do governo americano, motivado por interesse estratégico na região. Antes destes planos, houve um esforço de ajustamento econômico – Programa Dodge – que ficou amplamente conhecido pelo sucesso alcançado no Japão e na Alemanha. Na Coréia, este programa não chegou a ser efetivamente implementado.

Durante o período colonial, a atividade econômica era fortemente dependente do setor agrícola, sendo controlada por uma elite latifundiária estreitamente vinculada aos japoneses. O parque industrial era incipiente e voltado para as operações comerciais com a metrópole.

\* Diretor do Centro de Programas Setoriais e Projetos de Investimento, IICA-OEA.

Com a II Guerra Mundial e, posteriormente, a guerra coreana, a indústria foi praticamente destruída e a atividade agrícola, desorganizada. Durante todo o período colonial, o setor industrial dinâmico da economia coreana era controlada pelos japoneses, que transferiam não apenas tecnologia, mas, também, os técnicos e administradores de maior qualificação para operarem as fábricas (Blumenthal & Lee, 1985, p.222). Portanto, ao contrário do Japão, que também foi devastado pela guerra, a Coreia não dispunha de conhecimento tecnológico e administrativo que pudesse ser prontamente utilizado na restauração econômica.

Para reordenar as atividades produtivas, os Estados Unidos patrocinaram os planos econômicos que procuravam criar as bases para um novo modelo de crescimento, assim como atenuar as tensões sociais que emergiam com o fim do período de colonização japonesa. Foi, assim, realizada uma série de reformas, incluindo, entre 1947-49, uma profunda reforma agrária, que provocou uma mudança radical no regime de posse da terra. Esta reforma, facilitada politicamente pela vinculação da elite latifundiária com os japoneses, foi particularmente importante para atenuar conflitos sociais que durante a colonização centravam-se principalmente na disputa sobre a posse da terra. Por outro lado, estabeleceu sólidas bases para a distribuição de renda razoavelmente equalitária, que tem caracterizado o desenvolvimento econômico coreano.

## **2. O esforço para a auto-suficiência: 1960-71**

Apenas na segunda fase, iniciada em 1960, é que a Coreia do Sul se define como um modelo exportador. Durante o período anterior, um complexo e restritivo sistema de comércio, criado no regime ditatorial de Syngman Rhee, limitava a expansão das exportações (Collins & Park, 1989). É, no entanto, interessante notar que o modelo exportador não surge como uma proposta inicial de desenvolvimento. Na realidade, os primeiros planos de desenvolvimento enfatizavam a instalação de uma estrutura econômica auto-suficiente (FKI, 1987, p.5). Ao contrário de Hong-Kong e Cingapura,<sup>1</sup> onde a falta de recursos naturais tornou a industrialização "para fora" a opção óbvia, na Coreia esta orientação vai se delineando apenas gradualmente, na medida em que as restrições à continuidade do crescimento econômico impõem uma pragmática adaptação do modelo coreano às oportunidades abertas pelo comércio internacional. Em outras palavras, a opção exportadora, antes de idealizada, foi sendo imposta como uma questão de sobrevivência do modelo econômico.

A reorientação do modelo coreano ocorreu sob nítida influência da experiência japonesa no pós-guerra. A proximidade geográfica e o forte vínculo histórico entre esses dois países do leste asiático, assim como o espetacular desenvolvimento japonês, exerceram uma forte influência na definição da estratégia de desenvolvimento coreano, principalmente após meados da década de 60 quando as relações entre esses dois países foram normalizadas. No Japão, o processo de industrialização, orientado inicialmente no pós-guerra para o atendimento da de-

<sup>1</sup> No anexo 1 apresentam-se os principais indicadores demográficos e econômicos da Coreia do Sul comparados com os do Japão e de outros países de industrialização recente (NICs) do Pacífico Asiático, Cingapura e Hong-Kong.

manda doméstica, vai, gradualmente, sendo redirecionado ao mercado externo. A Coreia, com uma defasagem de aproximadamente 10 anos, segue uma trajetória semelhante, que se reflete tanto nas altas taxas de crescimento como também nas mudanças na estrutura industrial ocorridas a partir da década de 60 (ver Blumenthal & Lee, 1985). A similaridade estende-se também aos mecanismos utilizados para implementar o modelo exportador nos dois países. Em ambos os casos, o redirecionamento econômico foi impulsionado através de uma forte intervenção estatal operacionalizada por meio de planos de desenvolvimento econômico que mostravam ao setor privado a direção na qual o governo queria que a economia se movesse.<sup>2</sup>

A implementação do modelo exportador coreano ocorreu sob regimes políticos autoritários. No início dos anos 60, a transição econômica foi precedida por mudanças que, embora importantes, não alteraram na essência o sistema político. Em 1960, Syngman Rhee, que liderava o regime autoritário, foi forçado a renunciar após uma forte onda de distúrbios políticos provocados por um levante estudantil. Segue-se um novo governo, chefiado por Chang Mon, deposto no início de 1961 por um golpe militar. O novo governo autoritário, liderado pelo General Park Chung Hee, permaneceu no poder até um novo golpe militar em 1979.

Sob o governo do General Park elaborou-se o primeiro quinquenal de desenvolvimento econômico (1962-66) que, ao invés de orientado para exportação, procurava essencialmente promover a substituição de importações. O objetivo era reduzir a dependência externa e alcançar uma estrutura econômica balanceada. A insuficiente poupança interna torna, no entanto, inevitável uma crescente dependência ao capital externo para a instalação de indústrias de substituição de importações. Indústrias de insumos básicos, tais como fertilizantes, refino de óleo, fibras sintéticas, cimento e PVC foram instaladas através de *join investment* com capital estrangeiro, que era atraído pela mão-de-obra barata, isenções fiscais e por incentivos associados a repatriação de lucros (Van Tho, 1988). Indústrias de bens de consumo leve, ligadas principalmente à alimentação e vestuário, foram também instaladas através de empréstimos americanos.

Este plano teve um enorme sucesso. A economia coreana cresceu a uma taxa média anual de 8,5% entre 1962-66 (tabela 1). A instalação das indústrias de substituição de importações atuava, no entanto, de forma perversa sobre o balanço de pagamentos, aumentando as importações de bens de capital e matérias-primas não produzidas no País. O rápido crescimento econômico era, assim, acompanhado por uma crescente dependência ao capital estrangeiro, que irá marcar definitivamente o modelo econômico coreano.

<sup>2</sup> Existem evidências de vínculos diretos entre os planos econômicos implementados na Coreia e Japão. Kuznets (1980, p.77-8) assinala, por exemplo, "que o IV Plano de Desenvolvimento (coreano, referente ao período 1977-81) remete-se a um documento elaborado pelo Ministério de Comércio e Indústria do Japão em 1971, que clamava pelas mesmas mudanças no setor manufatureiro". Blumenthal e Lee (1985, 227-8) evidenciam também uma grande semelhança nas políticas utilizadas por ambos governos para promover a transição entre a estratégia de substituição de importações e promoção de exportações.

A dependência ao capital estrangeiro levou a uma gradual redefinição de objetivos no segundo plano quinquenal de desenvolvimento (1967-71). A ênfase inicial nas indústrias de substituição de importações foi parcialmente desviada para a exportação de manufaturas leves. Promover exportações com base em indústrias trabalho-intensivo era a opção coerente com a disponibilidade de recursos do País, caracterizado por uma mão-de-obra que, além de abundante, era disciplinada e razoavelmente educada (Ohno, 1988). Começa assim a materializar-se a industrialização "para fora", baseada na necessidade de planejar um aumento de exportações que atenuasse o desequilíbrio externo.<sup>3</sup> Na prática, isto significou crescente suporte financeiro do governo às indústrias de exportação e a adoção de um sistema de câmbio flexível, que permitiu uma razoável flutuação da taxa de câmbio real. (Kreuger, 1979, Frank, Kim y Westphal, 1975). As instituições financeiras privadas desempenharam também um papel central na viabilização do setor exportador, ajudando a mobilizar a poupança externa, mediante a concessão de aval aos empréstimos internacionais.

Tabela 1  
Indicadores externos  
(valores médios)

	Primeiro plano (1962-66)	Segundo plano (1967-71)	Terceiro plano (1972-76)	Quarto plano (1977-81)	Quinto plano (1982-86)
Crescimento anual (%)	8,5	9,7	10,1	5,5	7,5
Balança comercial (US\$ bi)					
Exportações	0,2	0,7	4,5	15,1	25,2
Importações	0,5	1,6	5,5	18,0	27,0
Abertura externa (% do PIB)	24,7	40,4	63,3	76,4	84,5
Exportações	8,0	15,1	28,3	35,4	40,6
Importações	16,7	25,3	35,0	41,0	43,9
Dívida externa (US\$ bi)	0,2	1,8	6,6	21,5	42,4

Fonte: Economic Planning Board (EPB); Federation of Korean Industries (FKI).

Em decorrência desta reorientação econômica, a taxa média de crescimento saltou para cerca de 10% ao ano, puxada principalmente pelas exportações, que aumentaram em quase 500% em relação ao início da década. O investimento bruto praticamente dobrou, atingindo 26% do PIB em 1969, financiado por um aumento da poupança doméstica e dos empréstimos externos que substituíam uma declinante ajuda americana. Para estimular as empresas privadas a suprirem suas

<sup>3</sup> Este argumento é evidenciado pelo estudo de Kubo e Robinson (1984) sobre as fontes de crescimento do modelo coreano. Nesta análise, os autores mostram que o crescimento agregado do setor manufatureiro entre 1955-63 foi fortemente induzido por políticas de substituição de importações, enquanto o período 1970-73 foi fortemente induzido por promoção de exportações, sendo 1963-70 uma fase de transição entre esses dois padrões.

necessidades de financiamento com a captação de recursos no exterior, o governo criou um sistema de incentivos que diminuía o risco e o custo associados a esses empréstimos.

Apesar da gradual reorientação à exportação, o desequilíbrio externo continuou agravando-se. A expansão industrial revelou-se fortemente dependente de matérias-primas, maquinaria e equipamentos importados. As importações cresceram rapidamente, mais que dobrando o déficit comercial. Em decorrência, a dívida externa saltou de apenas US\$ 0,4 bilhões em 1966 para quase US\$ 3 bilhões em 1971.

### 3. A consolidação do modelo exportador: 1972-76

O crescente desequilíbrio externo e as modificações que se processavam no cenário internacional no início dos anos 70 viriam acentuar a vocação exportadora da economia coreana. No âmbito externo, a emergência da China, o acirramento da competição com Hong Kong, Formosa e Cingapura, assim como o fortalecimento de barreiras tarifárias adotadas pelas nações industrializadas significavam uma ameaça à consolidação econômica da Coreia.

Neste contexto, o terceiro plano quinquenal de desenvolvimento (1972-76) centrou sua estratégia no desenvolvimento da indústria eletrônica, pesada e química (petroquímica, aço, ferro e metais não-ferrosos). O objetivo era reduzir a dependência por matéria-prima, máquinas e equipamentos importados, reestruturando a composição industrial em favor de produtos mais sofisticados e de maior valor agregado.

As indústrias de máquinas, equipamentos e química, previstas inicialmente para suprir a demanda doméstica, voltaram-se rapidamente para atender também à demanda externa.<sup>4</sup> A participação dessas indústrias na exportação total aumentou de 14% em 1971 para 30% em 1976, impulsionando o comércio externo, que atingiu cerca de 60% da atividade econômica em meados da década de 70 (tabela 1). A estrutura industrial da Coreia do Sul assumia finalmente um perfil nitidamente orientado "para fora".

A expansão das exportações, que saltam de uma média anual de US\$ 0.7 bi entre 1967-71 para US\$ 4.5 bi entre 1972-76 (tabela 1), é, no entanto, insuficiente para equilibrar o balanço de pagamentos. Isto porque as importações continuam a aumentar mais rapidamente do que as exportações, o que faz com que o déficit comercial praticamente dobre em relação ao período anterior. Este aumento das importações deve-se, em parte, à explosão dos preços do petróleo em 1973. Mas não apenas a isto. As importações de matérias-primas, máquinas e equipamentos continuam também crescendo rapidamente, apesar do esforço de substituição de importações realizado nas indústrias pesada e química sob a liderança do governo. O componente importado das exportações aumentava, tornando cada vez mais claro que o papel reservado para a Coreia na divisão inter-

<sup>4</sup> As análises empíricas sobre fontes de crescimento do modelo coreano têm evidenciado que a industrialização pesada na Coreia do Sul tem seguido um padrão dual que envolve, simultaneamente, promoção de exportação e substituição de importações (ver Ohno e Imaoka, 1987). Este padrão difere do apresentado pelo Japão onde a industrialização pesada foi muito mais orientada para as exportações do que na Coreia do Sul (ver Fujita & James, 1989).

nacional da produção era de *subcontract exporting country*, ou seja, vender produtos apenas parcialmente processados internamente.

#### 4. O Estado e os *chaebols*

A consolidação do modelo exportador, concretizada com o terceiro plano de desenvolvimento, ocorreu sob a forte liderança do Estado. A instalação das indústrias pesada e química foi sustentada por um aumento do investimento público, que no início dos anos 80 alcançou cerca de 25% do investimento fixo total, superior ao Brasil (22%), Argentina (20%) e Japão (10%). O Estado ampliava rapidamente seu papel na economia para viabilizar a instalação do modelo coreano.

Na Coreia, a atuação do governo é institucionalizada através do *Economic Development Board*, onde participam autoridades públicas e representantes do setor privado. Neste conselho, cabe ao governo definir a orientação da economia e criar incentivos, assim como planejar os investimentos públicos para assegurar que as empresas caminhem na direção desejada. Essas definições ocorrem, no entanto, através de uma grande interação com empresários, que costumam se reunir freqüentemente com autoridades públicas para definir estratégias empresariais, trocar idéias e discutir a viabilização de projetos. Uma das principais características dessa dinâmica é a confiança mútua existente entre empresários e governo. As autoridades econômicas recebem inclusive dados atualizados sobre o desempenho de empresas individuais, que permitem uma política ágil e pragmática, envolvendo até mesmo a intervenção direta ao nível de firma (Collins & Park, 1988, p.131).

A percepção de que o modelo exportador coreano tem privilegiado o livre funcionamento das forças de mercado é, portanto, equivocada. Como assinala Sachs (1987), há de se fazer uma distinção entre promoção de exportação e liberalização. Historicamente, o modelo coreano tem se caracterizado pela firme promoção das indústrias exportadoras e não pela ênfase em políticas do tipo *laissez-faire*. Além da intervenção direta na produção, o governo tem recorrido freqüentemente ao controle de preços, salários e câmbio para conter a inflação. Da mesma forma, tem exercido um rígido controle na distribuição do crédito, determinando quais são as firmas e setores prioritários, desempenhando, assim, papel crítico na definição do avanço e concentração industrial (Collins & Park, 1988, p. 131). Particularmente na década de 70, para induzir o relutante setor privado a investir nas indústrias química e de maquinaria pesada, o governo ampliou o controle sobre o sistema bancário para conceder empréstimos preferenciais e incentivos, através de taxas de juros favorecidas. Em outras palavras, o governo selecionava empresas para empreender novos projetos nas áreas prioritárias e garantia crédito subsidiado para viabilizar os investimentos. Dessa forma, ajudava a criar enormes conglomerados (*chaebols*) e uma estrutura industrial altamente concentrada.

Grande parte do sucesso do modelo coreano tem sido atribuído a essa íntima associação entre governo e *chaebols*, que se consolidou durante a década de 70. A concentração industrial facilitava a coordenação entre governo e setor privado. A seleção de algumas poucas firmas bem-sucedidas para empreender novos pro-

jetos prioritários acelerava as decisões, facilitava a supervisão e intervenção sobre as empresas, reduzindo assim os riscos dos investimentos.

Além do mais, os grandes conglomerados apresentavam claros benefícios para a implementação de um modelo exportador. Esses ganhos estavam associados a economias de escala, diversificação industrial e mais rápido reconhecimento das empresas coreanas no mercado internacional (World Bank, 1987, p. 121). Estas vantagens eram nítidas durante a instalação do terceiro plano quinquenal. A opção por grandes conglomerados viabilizava a instalação das indústrias pesada e química que necessitavam de uma escala de produção não alcançável em um pequeno mercado doméstico competitivo. Da mesma forma, facilitava o reconhecimento e a consolidação dos nomes das empresas coreanas no mercado externo, além de reforçar sua posição competitiva.

Como resultado, o governo canalizou a estrutura de incentivos para um grupo bastante reduzido de empresas, que passaram a se constituir no principal poder emergente dentro da economia coreana durante os anos 70.<sup>5</sup> Apoiados pela política governamental, os *chaebols* expandiram-se rapidamente, de tal forma que no início dos anos 80 as cinquenta maiores empresas respondiam por mais de 30% da produção, indicando uma concentração muito maior do que no Japão ou em qualquer outro dos países de industrialização recente (NCLs) do Pacífico Asiático. Essa concentração tornou-se ainda mais acentuada no comércio exterior, onde nove empresas respondiam por 50,5% das exportações coreanas (World Bank, 1987, p. 121).

Desta forma, estrutura industrial altamente concentrada prevalescente na economia coreana é, em grande parte, resultado do intervencionismo governamental que selecionava as futuras empresas líderes, beneficiando-as com uma estrutura de incentivos que enfatizavam a competitividade externa.<sup>6</sup> Conclui-se, assim, que a orientação do modelo coreano à exportação não reflete uma opção pelo liberalismo econômico como via de integração na economia mundial, mas resulta de uma forte intervenção estatal determinada a fortalecer os grandes conglomerados econômicos orientados ao mercado externo.

## 5. O agravamento da dependência externa: 1977-81

Em meados da década de 70, tornava-se evidente que a consolidação do modelo exportador agravava as seguintes distorções econômicas:

1. dependência ao capital estrangeiro, dado o crescente desequilíbrio do balanço de pagamentos;

<sup>5</sup> A ênfase nos grandes conglomerados é uma das maiores diferenças entre os processos de industrialização coreana e japonesa. Blumenthal e Lee assinalam que, enquanto "no Japão se preservou a prática de subcontratação pela qual as pequenas empresas desempenham um importante papel no suprimento de componentes e materiais às grandes empresas, na Coreia a industrialização foi acompanhada pela integração vertical para se alcançar as vantagens associadas às economias de escala" (1985, p. 233).

<sup>6</sup> Kuznets assinala que este dirigismo governamental foi efetivo porque "a política governamental, que estabelecia como prioridade a exportação, exigia das empresas um bom desempenho nas exportações para manter as relações favoráveis com o governo e tais relações podiam ser essenciais para o sucesso da empresa" (1980, p. 72).

2. baixa produtividade industrial, particularmente nos setores capital intensivo ou de alto valor agregado, onde a dependência de partes e componentes importados era mais acentuada;

3. fraco grau de integração intra-industrial, resultado da estruturação econômica da Coréia como um *subcontract exporting country*.

Frente a estas distorções, o quarto plano quinquenal de desenvolvimento econômico, cobrindo o período 1977-81, enfatiza (1) a inovação tecnológica; (2) melhora da eficiência administrativa; e, mais uma vez, (3) geração de superávit comercial, visando a reduzir a dependência ao capital externo. Em adição, estabelece como prioritárias as indústrias de eletrodomésticos e maquinaria, que viriam desempenhar um papel crítico no desenvolvimento coreano nos anos 80. Para a viabilização destes objetivos, foi criado um sistema de assistência financeira que estimulasse as empresas a aumentarem a produtividade. Da mesma forma, manteve-se um amplo esquema de subsídios e incentivos à exportação que incluía redução de impostos, incentivos à substituição de petróleo e crédito subsidiado para investimentos em novos produtos previamente selecionados pelo governo. Na segunda metade dos anos 70, por exemplo, as taxas de juros associadas aos empréstimos a indústrias prioritárias eram de, aproximadamente, 11% contra 17% dos empréstimos regulares e 16% do índice de preços no atacado, de tal forma que o custo dos empréstimos às indústrias pesada e química era 25% inferiores aos recebidos pelas indústrias leves (World Bank, 1987, p. 42).

A implementação do quarto plano de desenvolvimento enfrentou dois tipos de dificuldades para sustentação do processo de crescimento econômico acelerado.

Primeiro, a ênfase do terceiro plano (1972-76) no desenvolvimento das indústrias pesada e química baseava-se em estímulos e incentivos que resultavam em uma estrutura de preços inconsistente com um esquema de livre mercado. Essas distorções de preços criaram um excesso de capacidade instalada nas indústrias pesada e química que contrastava com uma situação de subinvestimento em outros setores da economia. Estima-se que, devido ao sistema de benefícios, quase 80% do investimento fixo realizado neste período foram dirigidos às indústrias pesada e química, levando a um aumento na participação desse segmento na produção manufatureira de 37% em 1970 para 50% em 1979 (tabela 2).

Tabela 2  
Mudanças na composição setorial (%)

Setor	1965	1970	1978	1985	1988
Agricultura e pesca	38,0	26,0	20,2	12,8	10,8
Mineração	2,0	1,2	1,4	1,0	0,8
Manufatura	18,0	21,2	28,0	30,3	31,6
Indústrias leves	(68,6)	(63,1)	(50,1)	(43,3)	(41,2)
Indústrias pesadas	(31,4)	(36,9)	(49,9)	(56,7)	(58,8)
Eletricidade, gás, água, construção civil	4,7	6,7	9,0	10,5	10,9
Outros	37,2	44,8	41,5	45,4	45,9

Fonte: Koo e Nam (1989).



Segundo, a alta do preço do petróleo provocara um salto da taxa de inflação de 13,4% em 1973 para 29,5% em 1974. Para conter a aceleração inflacionária, as autoridades econômicas adotaram políticas contracionistas. O efeito recessivo dessas políticas, somado ao clima de instabilidade política causado pelo assassinato do Presidente Park, provocou uma firme desaceleração econômica (Kim, 1989). A taxa média de crescimento econômico caiu de 10% para 5,5%, da primeira para a segunda metade da década de 70 (tabela 1). Apesar desta desaceleração econômica, as importações continuaram crescendo mais rapidamente do que as exportações. O déficit comercial saltou de uma média anual de US\$ 1 bi para cerca de US\$ 3 bi, o que resultou em um substancial aumento da dívida externa de US\$ 10 bi em 1976 para US\$ 32.5 bi em 1981. Contrariamente ao programado, a dependência em relação ao capital externo aumentava rapidamente ao invés de reduzir.

É importante notar que a dependência ao capital externo aumentava na medida em que se acentuava a orientação "para fora" da economia coreana durante os anos 70. Este é um dado que não se pode perder de vista quando se aponta a orientação exportadora como saída para a crise da dívida externa das economias em desenvolvimento. Dado o contínuo agravamento do desequilíbrio externo, a cooperação financeira dos países desenvolvidos constituiu-se numa premissa fundamental para o sucesso do modelo coreano.

Esta colaboração foi essencial para assegurar a estabilidade macroeconômica. Isto porque, apesar do contínuo agravamento do déficit do balanço de pagamentos, a taxa de câmbio permaneceu quase que inalterada na segunda metade dos anos 70. A Coréia recorreu exaustivamente a uma política de apreciação gradual do câmbio para abrandar as pressões inflacionárias. Entre 1975 e 1981, a desvalorização cambial foi realizada apenas duas vezes, num total de 44%, enquanto o IGP aumentava em 310%. Esta política cambial manteve o preço dos produtos importados – que respondiam por 41% da atividade econômica – crescendo abaixo do IGP, o que foi fundamental para manter a inflação estabilizada em 25% na segunda metade dos anos 70, apesar dos dois choques do petróleo e da estagnação mundial.

A utilização da política cambial como instrumento de controle inflacionário só foi possível na medida em que as agências financeiras externas dispuseram-se a financiar os crescentes déficits no balanço de pagamentos. Caso contrário, o déficit externo acabaria provocando uma dramática perda de divisas e, conseqüentemente, a desvalorização acelerada do câmbio, o que resultaria fatalmente em um forte aumento de preços, dada a alta participação das importações na atividade econômica.

## 6. Sobre a política cambial

Uma análise atenta do desenvolvimento econômico coreano sugere que o sucesso de um modelo exportador não pode ficar condicionado a uma política cambial agressiva. Ao contrário, frente à crescente participação das exportações e importações na atividade econômica, torna-se necessário administrar a política cambial, procurando-se harmonizar o estímulo à exportação com as pressões sobre os

preços domésticos. Particularmente, quando se tem uma estrutura de exportação fortemente dependente de importações, uma política cambial agressiva não facilita necessariamente as exportações, mas, sim, pressiona a inflação doméstica, além de agravar o desequilíbrio fiscal. Isto é particularmente relevante nos países altamente endividados, onde a depreciação acelerada da taxa de câmbio real tem forte impacto sobre o déficit público através do aumento dos serviços da dívida. Daí, a expansão das exportações deve centrar-se principalmente em incentivos indiretos e no estímulo ao incremento da produtividade, em particular, dos setores mais voltados à exportação.

Esta tese choca-se com a nova ortodoxia que emerge principalmente pela ação do FMI e Banco Mundial. Essas agências, baseando-se no sucesso dos *export oriented model* asiáticos, procuram vincular a recuperação econômica dos países em desenvolvimento a estratégias centradas no aumento das exportações. Nesta linha, enfatizam uma agressiva depreciação real da taxa de câmbio como uma das políticas centrais de uma estratégia de crescimento econômico voltado "para fora" (veja Sachs, 1987).

Esta ênfase excessiva na política cambial não encontra o respaldo necessário no caso da Coréia, onde o rápido crescimento das exportações parece mais associado à política de incentivos e subsídios, assim como ao rápido aumento de produtividade alcançado no setor industrial (tabela 3).

Tabela 3  
Tendências no mercado de trabalho, 1965-88  
(Taxa anual de crescimento)

	1965-70	1971-75	1976-78	1979-82	1983-88
PIB	9,6	8,7	11,7	3,5	11,1
Força de trabalho	3,2	3,9	4,4	2,1	2,4
Emprego	3,8	4,0	4,7	1,8	2,7
Produtividade do trabalho *					
Total	6,5	6,1	6,0	0,7	5,8
Manufatura	8,0	5,6	8,2	4,8	5,0

Fonte: Koo e Nam, 1989, p. 15.

\* Produtividade do trabalho = (valor adicionado/emprego).

O argumento pode ser mais bem ilustrado comparando-se Coréia e Brasil. Ambos países tiveram enorme sucesso em aumentar suas exportações nos últimos vinte anos. Até meados da década de 70, tanto Brasil como Coréia adotaram uma orientação semelhante para a política cambial. A partir do primeiro choque do petróleo, quando se acelera o endividamento externo, esta semelhança desaparece. Isto é, a estratégia cambial para equacionar o agravamento do desequilíbrio externo, provocada pelo aumento do preço do petróleo, é bastante distinta.

No caso do Brasil, o esforço para aumentar as exportações foi centrado no sinal de preços, praticando-se uma política cambial ativa que resultou em um aumento da taxa de câmbio real, sobretudo no final da década de 70 (figura 2). A Coréia, ao contrário, apesar do forte desequilíbrio externo causado pelo aumento dos preços do petróleo, continuou insistindo nos estímulos indiretos, ao mesmo tempo em que contava com um rápido aumento de produtividade. Como mostra a figura 1, entre 1975 e 1980, a taxa real de câmbio sofreu uma redução de mais do que 25%, sem que isto afetasse as exportações, que aumentaram cerca de 400%. Dessa forma, enquanto a Coréia utilizava parcimoniosamente a política cambial, evitando pressões sobre a inflação doméstica; o Brasil adotava uma política cambial ativa, com o objetivo de reequilibrar o balanço de pagamentos.

As duas estratégias foram bem sucedidas em assegurar um rápido aumento das exportações e, assim, equacionar o desequilíbrio externo. A diferença está no custo dessas estratégias em termos de estabilidade doméstica. Enquanto no Brasil a agressiva desvalorização cambial seguramente alimentou a escalada inflacionária; na Coréia, conseguiu-se lograr uma grande estabilidade dos preços domésticos.

## **7. Um ajustamento bem-sucedido: 1979/82**

No final dos anos 70, tal como ocorreu com outros países em desenvolvimento, a economia coreana enfrentou uma grave crise econômica, provocada por choques externos e internos, que agravaram os desequilíbrios estruturais existentes. Pelo lado externo, a alta da taxa de juros elevou os serviços da dívida externa ao mesmo tempo em que o segundo choque do petróleo pressionava as importações e a inflação doméstica. Pelo lado interno, agravavam-se os problemas de desequilíbrio e ineficiência industrial, associados ao investimento excessivo nas indústrias pesada e química. A essas dificuldades estruturais somavam-se outras de natureza conjuntural. Uma grande quebra na safra agrícola provocada por uma seca pressionava os preços domésticos, o que alimentava os distúrbios políticos, exacerbados com o assassinato do Presidente Park. Em decorrência, embora a economia apresentasse um bom desempenho, crescendo a 6,5% em 1979, a inflação acelerava-se, enquanto o déficit em conta corrente alcançava o recorde de 8,7% do PIB.

Como se pode notar, as dificuldades enfrentadas pela Coréia apresentavam uma forte similaridade com a situação da economia brasileira no final dos anos 70. Apesar da semelhança da crise, os dois países optaram por estratégias de ajustamento diametralmente opostas.

No Brasil, as autoridades econômicas, capitaneadas pelo Ministro Delfim Neto, optaram pelo *ajuste com crescimento*. Os objetivos do programa eram reequilibrar as contas externas e reduzir a inflação sem comprometer o crescimento

Figura 1  
Coréia do Sul

Taxa de Câmbio Real  
Câmbio nominal (WPI - EUA/WPI - Coréia)

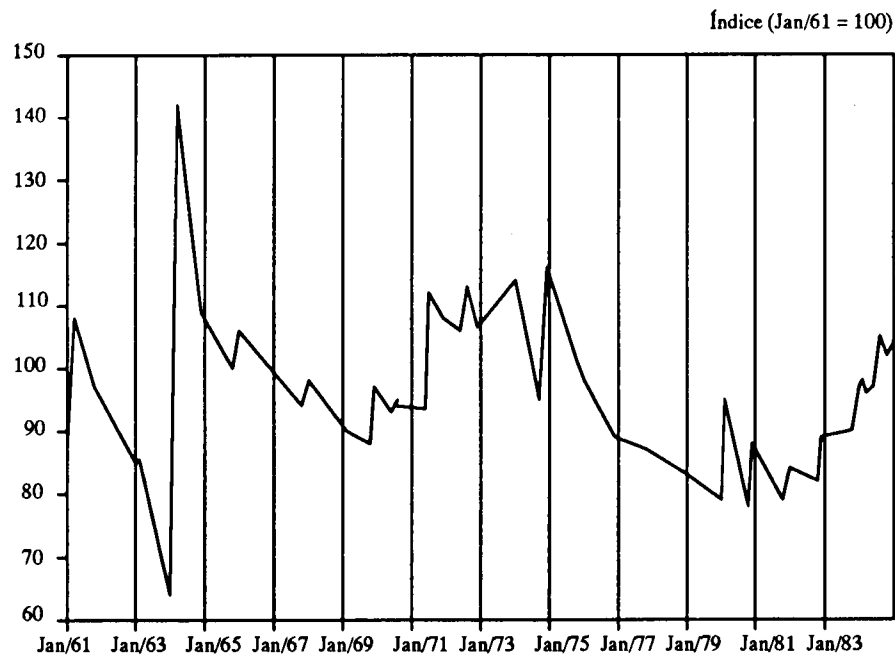
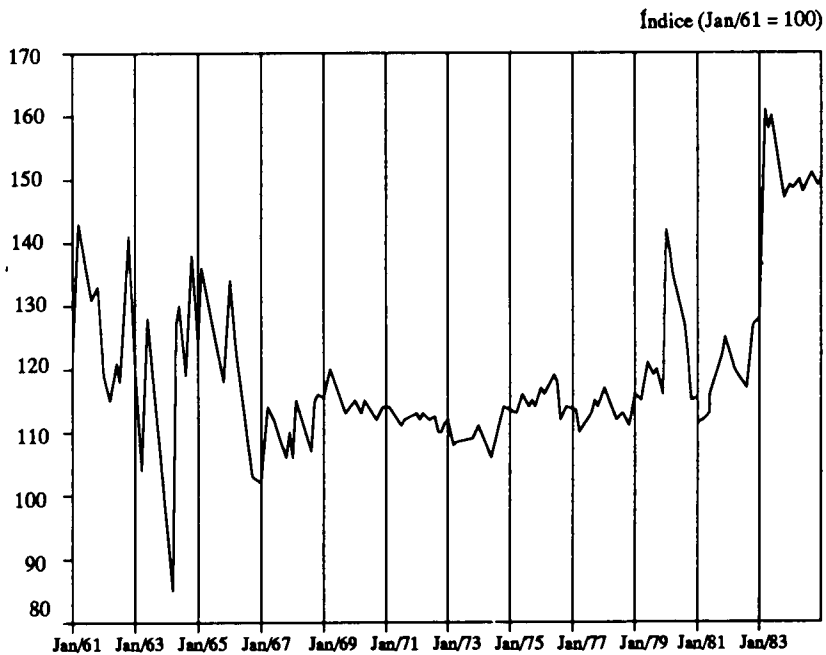


Figura 2  
Brasil

Taxa de Câmbio Real  
Câmbio nominal (WPI - EUA/WPI - Brasil)



econômico. O argumento era que a vocação desenvolvimentista da economia brasileira tornava mais fácil o ajustamento através do crescimento econômico.

Dessa forma, os salários reais não foram contidos, nem foram adotadas medidas monetárias e fiscais restritivas, o que era coerente com a estratégia de não bloquear o crescimento econômico. Para aumentar o superávit comercial, promoveu-se uma maxidesvalorização do câmbio de 30%. Para conter a aceleração da inflação, procurou-se influenciar as expectativas inflacionárias, pré-anunciando-se as taxas de correção cambial e monetária de modo consistente com uma inflação anual esperada de 50%. As autoridades, movidas por motivações populistas ou talvez por uma visão distorcida dos avanços teóricos ortodoxos, pareciam acreditar que a simples pré-fixação das correções monetárias e cambial asseguraria a credibilidade necessária para alterar as expectativas inflacionárias dos agentes econômicos e, por conseguinte, reverter a tendência ascendente da inflação, que havia quase que dobrado em 1979.

A Coréia percorreu o caminho inverso. As autoridades responderam à deterioração da situação econômica com um programa de ajuste fortemente recessivo, suportado por um *stand by* com o FMI. Este programa centrou-se basicamente sobre políticas monetária e fiscal fortemente contracionistas (tabela 4). Dessa forma, promoveu-se uma redução do déficit público de 2,5% do PIB (1978) para 1,4% (1979) através de cortes de gastos e adiamento de investimentos públicos. Conteve-se, também, o crescimento real do crédito bancário para o setor privado, procurando-se neutralizar o impacto do aumento dos preços do petróleo sobre a inflação doméstica e balanço de pagamentos. Apesar do agravamento do desequilíbrio externo – como indicado pelo aumento do déficit, em transações correntes, de 2,1% do PIB em 1978 para 6,4% em 1979 –, manteve-se a taxa nominal de câmbio inalterada no mesmo nível que permanecia fixada desde dezembro de 1974. Isto significou uma apreciação real ‘do câmbio de 7% em 1979, o que aliviou as pressões inflacionárias na economia. A desvalorização do câmbio só ocorreu no início de 1980, quando as medidas contracionistas já estavam reduzindo a absorção doméstica. A Coréia beneficiou-se, assim, por ter iniciado o ajustamento econômico em 1979, antes que os empréstimos externos voluntários cessassem com a crise da dívida externa de 1982. Com o suporte da comunidade financeira internacional foi possível adotar um programa de estabilização mais equilibrado, no qual o atendimento das restrições externas não sacrificava a harmonia econômica interna.

Em síntese, enquanto no Brasil adotou-se uma política expansionista complementada por uma política cambial fortemente agressiva, na Coréia a opção foi por uma política contracionista complementada por uma política cambial gradualmente ativa. Como seria de se esperar, essas estratégias tiveram impactos bastante diferentes, que condicionaram o comportamento das duas economias durante a década de oitenta.

No Brasil, a estratégia de *ajustamento com crescimento* falhou. Inicialmente, a economia seguiu uma trajetória de crescimento, o que foi precipitadamente aclamado como acerto da política do Ministro Delfim Neto. Logo a seguir, apareceram os custos, através do agravamento dos desequilíbrios interno e externo.

O déficit em transações correntes aumentou de 4,5% do PIB em 1979 para 5,1% em 1980, ao mesmo tempo em que a inflação saltava de 77% para 110%.

O fracasso desta estratégia deixou o governo frente à necessidade imediata de equacionar o estrangulamento externo, que assumia limites críticos após o *setembro negro* de 1982. Pressionadas pelas circunstâncias, as autoridades tiveram que promover uma ampla revisão da política econômica, na direção de uma ortodoxia extremada que enfatizava a disciplina financeira e cambial. O objetivo prioritário era equacionar rapidamente o desequilíbrio externo, o que forçou uma brutal mudança de preços relativos e uma dramática compressão da demanda doméstica que liberasse recursos para exportação. O equívoco da estratégia de *ajustamento com crescimento* forçou, portanto, uma solução imediatista para o desequilíbrio externo, que se equacionou ao custo de uma forte recessão e aceleração da inflação.

A Coreia seguiu uma trajetória econômica inversa. Inicialmente, o programa resultou em uma forte recessão. Em 1980, o PIB declinou 5,2%, o primeiro resultado negativo de toda a história moderna da Coreia, ao mesmo tempo em que o déficit em transações correntes alcançava o recorde de 8,7% do PIB. Logo a seguir, a economia iniciou uma firme recuperação. A produção aumentou 6,2% em 1981 e 5,6% em 1982, estimulada por uma gradual flexibilização da política fiscal e monetária iniciada no final de 1980. O déficit em transações correntes também diminuiu de quase 9% do PIB em 1980 para cerca de 4% em 1982, sem que isto significasse aumento das pressões inflacionárias. A taxa de inflação, que havia atingido 34,6% em 1980, caiu para cerca de 12% em 1981 e 5% em 1982.

Tabela 4  
Indicadores econômicos selecionados, 1978-84

	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984
<i>Mudança anual em %</i>							
PIB	11,0	6,5	-5,2	6,2	5,6	9,5	7,6
Inflação (IPC, final do ano)	16,5	21,2	34,6	11,7	4,8	2,0	2,4
Meios de pagamentos (M2)	35,0	24,6	26,9	25,0	27,0	15,2	10,6
Crédito ao setor privado	n.d.	39,1	39,6	26,3	25,1	17,6	14,3
Taxa de juros	n.d.	18,6	19,5	16,2	8,0	8,0	10,0
Exportações	26,5	15,7	17,1	20,2	1,0	11,1	13,5
Importações		31,8	13,1	12,5	-3,4	6,4	9,6
Salários reais	17,4	8,7	-4,7	-2,6	6,9	10,4	5,7
<i>Em % do PIB</i>							
Déficit público	2,5	1,4	3,2	4,0	4,4	1,6	1,4
Déficit em transações correntes	2,1	6,4	8,7	6,9	3,7	2,1	1,7

Fonte: Ministério das Finanças da Coreia; Collins & Park (1987) e Nam (1987).

Depósito a prazo, um ano.

Obs.: n.d. = não-disponível.

Esta trajetória de crescimento revelou-se firmemente sustentada ao longo da década. Em 1988, pelo segundo ano consecutivo, a economia alcançou um crescimento de 12%. O desenvolvimento de um cenário externo favorável, determinado principalmente pela baixa taxa de inflação dos principais parceiros comerciais, combinado com uma gradual liberalização das importações e uma prudente política cambial ajudaram a manter a taxa anual de inflação abaixo de 3%. Finalmente, à diferença de outros devedores do Terceiro Mundo, a Coréia conseguiu gerar superávits comerciais suficientes não apenas para honrar os serviços, como também para reduzir o estoque da dívida. Ao contrário do Brasil, a estratégia de ajustamento empreendida pela Coréia após o segundo choque do petróleo foi, portanto, bem-sucedida, conseguindo criar as bases para uma segura retomada do crescimento econômico.

## 8. Os desafios nos anos 80

O início da década de 80 representa o *turning point* para o modelo coreano. O déficit no balanço de pagamentos aumentava, a dívida externa crescia aceleradamente, o crescimento econômico declinava. Acentuavam-se as disputas trabalhistas e os questionamentos sobre a distribuição desigual da renda, sinalizando um clima de instabilidade social. Finalmente, acirrava-se a competição com outros países asiáticos, o que debilitava a posição da Coréia no mercado mundial, principalmente no segmento de indústrias pesadas, cujas exportações haviam se expandido rapidamente nos anos 70. As indústrias leves, tais como têxteis e calçados, apresentavam alta competitividade, concentrando suas exportações nos amplos mercados dos países avançados. Porém, as indústrias pesadas, tais como maquinaria elétrica, eletrônica e automóveis, eram mais vulneráveis, pois desfrutavam de baixa vantagem comparativa, tendo, por isto, seu mercado restrito aos países em desenvolvimento. No início dos anos 80, esse conjunto de dificuldades impunha a necessidade de se repensar o modelo coreano.

Neste contexto, o quinto plano quinquenal de desenvolvimento, cobrindo o período 1982-86, propõe uma profunda mudança na orientação do modelo econômico, enfatizando a ação social do governo, o aumento da eficiência econômica, a redução da dependência externa e a prioridade às chamadas *Intensive Technology Industries*, tais como maquinaria de precisão, eletrônica sofisticada (TV, VTR, microondas), comunicações e informática.

### 8.1 A questão social

Em relação à ação social, ampliaram-se os programas governamentais destinados a melhorar a qualidade de vida e a distribuição da renda. Estes programas incluíam habitação popular, saúde, seguro social, emprego e, principalmente, educação. Esta reorientação da ação governamental procura atender às crescentes demandas sociais associadas à distribuição dos benefícios, decorrentes do rápido crescimento econômico.

De fato, apesar de a Coréia apresentar uma distribuição de renda muito mais equalitária quando comparada a outros países em desenvolvimento, verificou-se



uma tendência à concentração nos últimos 20 anos. Como mostra a tabela 5, o índice Gini aumentou de 0,344 em 1965 para 0,389 em 1980, da mesma forma que a participação na renda dos 40% mais pobres da população caiu de 19,3% para 16,1%. Surpreendentemente, esta tendência à concentração é um fenômeno essencialmente rural. No setor urbano, os indicadores acima apresentam alguma melhora, o que sugere que o modelo exportador de base essencialmente industrial não tem, na realidade, um forte componente concentrador da renda.

Tabela 5  
Tendências na distribuição da renda

	1965	1970	1976	1980
<i>Índice Gini</i>				
total	0,344	0,332	0,381	0,389
rural	0,285	0,295	0,327	0,405
urbana	0,417	0,346	0,412	0,405
<i>% na renda dos 40% mais pobres</i>				
total	19,3	19,6	16,9	16,1
rural	22,6	21,2	19,5	17,5
urbana	14,1	18,9	15,4	15,3
<i>% na renda dos 20% mais ricos</i>				
total	41,8	31,6	45,3	45,4
rural	38,0	38,6	40,6	42,2
urbana	47,0	43,0	48,7	46,9

Fonte: Korea Development Institute.

Na Coreia, as demandas sociais não podem, no entanto, ser vistas sob o prisma restrito das reivindicações sobre a distribuição social da renda. O problema é mais complexo, envolvendo a questão da concentração do poder econômico em seus aspectos associados à concentração da riqueza, desigualdades de oportunidades e relações entre governo e empresas (Yul Rhee, 1989, p. 193; Kim & Kill, 1989). No centro deste debate está a questão dos *chaebols*. Estes grandes conglomerados têm-se tornado o símbolo da concentração do poder econômico na Coreia. As crescentes restrições da sociedade aos *chaebols* originam-se no enorme controle que exercem sobre as atividades políticas e econômicas do país e na influência que demonstram ter sobre o governo. Segundo a Federação das Indústrias Coreanas (FKI), os 30 maiores *chaebols* controlam atualmente cerca de 40% do produto nacional bruto. Argumenta-se que este amplo domínio econômico assegura um grande poder de mercado e permite encobrir ineficiências operativas, cujo custo recai sobre toda a sociedade.

Questiona-se também a excessiva concentração de riqueza nas mãos das poucas famílias proprietárias dos *chaebols*, a facilidade com que asseguram favores e benefícios governamentais e o acesso aos mecanismos de financiamento, que tem tornado essas empresas perigosamente endividadas. Segundo Yul Rhee, "com uma razão débito/haveres de aproximadamente 4,5:1 em 1983 (contra 3,6:1 para o conjunto do setor manufatureiro), os *chaebols* são incluídos entre as corporações de pior estrutura financeira no mundo" (1989, p. 204). Toda esta situação provocou, durante os anos 80, uma crescente pressão, não apenas sobre a distribuição da renda, como também para a desconcentração do poder econômico, por parte das principais forças políticas de oposição no País.

## 8.2 A liberalização da economia

A fim de aumentar a competitividade e a eficiência econômica, as autoridades governamentais têm empreendido um conjunto de reformas estruturais. O princípio cardinal dessas reformas é a liberalização econômica. Neste sentido, promove-se uma profunda revisão do papel do Estado na economia. Em 1986, foi aprovada uma nova legislação industrial que restringe a intervenção do governo a: 1) segmentos industriais onde a competitividade internacional, embora vital para a economia, não pode ser alcançada de imediato; 2) segmentos industriais em declínio, para aliviar o impacto da liquidação.

Os esforços de liberalização incluíram, também, o comércio externo e o investimento estrangeiro. Atenuaram-se as restrições quantitativas às importações e promoveu-se uma gradual diminuição da tarifa média nominal de 24% em 1983 para 13% em 1988. Em relação ao investimento estrangeiro, aboliram-se restrições à repatriação de capital e à participação estrangeira em empreendimentos domésticos. Isto estimulou um aumento do investimento estrangeiro direto de uma média de US\$ 130 milhões durante 1980-83 para US\$ 665 milhões entre 1986-88 (Koo & Nam, 1989, p. 14).

Finalmente, para fomentar a competição entre as empresas domésticas, promoveu-se uma nova legislação comercial e antimonopólio e simplificaram-se os regulamentos que regem as atividades do setor privado (Mahn Je, 1987, p. 530). Reduziram-se também as barreiras à entrada no mercado financeiro e facilitaram-se a diversificação e a modernização dos serviços pelos intermediários financeiros. Essas medidas foram acompanhadas por um desinvestimento governamental na participação acionária dos principais bancos nacionais e um abrandamento das restrições ao capital estrangeiro no mercado financeiro (Koo & Nam, 1989, p.8).

Em síntese, a economia coreana passou por um amplo processo de liberalização econômica, com medidas que enfatizavam os mecanismos de mercado em relação à intervenção e à regulamentação governamental sobre a economia. Cabe, no entanto, ressaltar que este processo de liberalização da economia surgiu quando o modelo exportador já estava consolidado e o ajustamento econômico associado à crise do início dos anos 80 já havia sido concluído. Em outras palavras, o liberalismo recente não foi modelado dentro da estratégia de implementação da industrialização "para fora", nem foi promovida em resposta à crise da dívida externa.

### 8.3 A dívida externa

Além de aumentar a eficiência e a competitividade, a Coréia enfrentou também o desafio de reduzir a dependência ao capital estrangeiro sem comprometer seu crescimento econômico. Como foi analisado anteriormente, o sucesso do modelo exportador sustenta-se em uma crescente demanda por poupança externa. A fim de concretizarem os planos de expansão, as empresas privadas e públicas foram ativamente estimuladas a captarem recursos no mercado financeiro internacional. Isto permitiu assegurar um fluxo de recursos que se mostrou essencial para se sustentar uma alta taxa de investimento nos últimos 20 anos.

Tabela 6  
Agregados macroeconômicos selecionados  
(% do PIB)

	1970	1979	1980	1981	1982	1983	1984
Investimento bruto	25	35	31	29	27	28	30
Poupança doméstica	18	29	23	22	23	26	28
Saldo em conta corrente	7	6	8	7	4	2	2
Débito externo	28	33	44	48	52	54	53
Serviço externo	18	17	20	20	20	19	20

Fonte: Aghevli e Marquez-Duarte (1987) e Collins & Park (1989).

Nos anos 70, por exemplo, o déficit em conta corrente representou quase 30% do investimento fixo total. Esta situação manteve-se até o início dos anos 80. Entre 1980-81, a poupança externa alcançou cerca de 7% do PIB, o que permitiu sustentar uma taxa de investimento, apesar de uma dramática queda na poupança doméstica. Dessa forma, a Coréia beneficiava-se por ter iniciado seu ajustamento econômico antes que os empréstimos externos voluntários cessassem com a crise financeira internacional de 1982.

Se a manutenção do fluxo de poupança externa permitiu, por um lado, aliviar o custo doméstico do ajustamento econômico, por outro, provocou um dramático crescimento da dívida externa. Entre 1979 e 1982, a dívida externa aumentou em mais de 50%, passando de US\$ 32 bilhões para US\$ 52 bilhões, colocando em risco a manutenção do modelo coreano. Tornou-se, assim, necessário gerar crescentes superávits na balança de transações correntes para cumprir os compromissos com a dívida externa. Sustentar uma alta taxa de crescimento ao mesmo tempo em que se reduz a demanda por capital externo implica, no entanto, aumentar a poupança doméstica para garantir uma taxa adequada de investimento. O desafio do modelo coreano tem sido, portanto, aumentar a taxa de poupança doméstica que, apesar de maior do que a prevalescente nos países latino-americanos, é bastante inferior à de outros países asiáticos. Em 1984, por exemplo, a Coréia apresentava uma taxa de poupança nacional de aproximadamente 28% contra 34% da República da China, 32% do Japão, 40% de Cingapura, indicando

que existe um amplo espaço para que políticas adequadas assegurem um rápido crescimento da poupança e viabilizem a redução da dependência externa no modelo coreano (Rhee, 1989, p. 215).

#### 8.4 Ênfase nas *intensive technology industries*

Finalmente, a Coréia se impôs o desafio de reorientar o centro dinâmico do modelo exportador dos produtos de baixa tecnologia para produtos de alta tecnologia, ou seja, para as *intensive technology industries*. Para isto, tornou-se necessário o rápido domínio e desenvolvimento de uma tecnologia altamente sofisticada, com vistas à competição em um mercado mundial já amplamente dominado por competidores tradicionais como Japão e EUA.

A Coréia procura, assim, uma nova forma de integração na economia internacional, particularmente em relação aos países desenvolvidos. Segundo um diagnóstico elaborado em 1986 pela Federação das Indústrias Coreanas, nos países desenvolvidos a reorganização industrial a nível internacional "inclui, em sua agenda, a intenção de intensificar o sistema de subcontrato com países em desenvolvimento, principalmente em áreas excessivamente dependentes do consumo de petróleo, tais como as indústrias química e pesada" (FKI, 1987).

A Coréia vem tentando escapar a este destino, através da ênfase a indústrias de alta tecnologia. Procura, assim, reorganizar sua estrutura industrial do ponto de vista internacional, na direção de um novo estilo de crescimento. Olhando o modelo japonês, os coreanos parecem reavaliar as vantagens de insistir em uma experiência que, apesar de bem-sucedida, mostrou-se altamente dependente de interesses e recursos externos.

É cedo para avaliar se a Coréia vai vencer o desafio, conseguindo entrar para o restrito clube dos *high technology countries*, começando com uma década de atraso em relação aos competidores tradicionais, tais como Japão e EUA. O rápido sucesso que vêm alcançando algumas empresas coreanas de alta tecnologia, como por exemplo a Samsung's Suwon, nos mercados altamente competitivos dos países desenvolvidos, constitui, no entanto, forte indício de que o desafio está sendo vencido.

#### Abstrat

The South Korea's economic development has been frequently emphasized by its capacity in achieving rapid growth of exports and income. As a result of this success story economists and, particularly, some financing multilateral agencies have stressed the Korean export-oriented experience as applicable to other developing economies. The paper describes South Korea's development strategy, its industrial policies and changes in economic structure trying to identify the main reasons behind the success of the export-oriented model. The story of the Korean economic model is focused at a historical perspective through its Five-Year Development Plans. These plans were implemented in two periods. The first one between the independence in 1948 and 1959, when it is undertaken a huge effort for rebuilding the economy devastated by the war; and the second

period after 1960, when it is pursued a shifting from an inward-looking model of development to an outward orientation. Major focus is placed on the Korea's experience with economic adjustment in the early 1980s and its implications for the price stabilization and balanced growth.

**Anexo 1**  
**Principais indicadores**

	Coréia	Japão	Hong-Kong	Cingapura
(Valores de 1986)				
Área (milhões km <sup>2</sup> )	98,0	372,00	1,0	1,0
População (milhões de hab.)	41,5	12,15	5,4	26,0
PIB (bilhões de US\$)	98,0	2.000,00	32,3	17,4
Exportações (bilhões de US\$)	34,7	210,80	35,4	22,5
Importações	31,5	127,60	35,4	25,5
Distribuição do PIB (%)				
Agricultura	12	3	0	1
Indústria	42	41	29	38
Serviços	58	56	71	62
TOTAL	100	100	100	100
Taxa anual de crescimento entre 1980-86 (valores médios)				
PIB	8,2	3,70	6,0	5,3
População	1,4	0,70	1,2	1,1
Inflação	5,4	1,60	6,9	1,9
Exportações	13,1	6,40	10,7	6,1
Importações	9,3	3,50	7,9	3,6

*Fonte:* Banco Mundial. *World development report 1988*. Washington, D.C.

### Referências bibliográficas

Aghevli, B. & Marquez-Duarte, J.A. A case of successful adjustment in developing country: Korea's experience during 1980-84. In: *Economic adjustment: policies and problems*. Washington, ed. Sir Frank Holmes, International Monetary Fund, 1987.

Blumenthal, T. & Lee, C.H. Development strategies of Japan and the Republic of Korea: a comparative study. *The Developing Economies*, 23(3), 1985.

Cho, Y.J. & Cole, D. The role of the financial sector in Korea structural adjustment. Trabalho preparado para *KDI and World Bank conference on structural ad-*

*justment in a newly industrialized country: lessons from Korea.* Washington, 1986.

Collins, S. & Park, W.A. External debt and macroeconomic performance in South Korea. In: *Developing country debt and the world economy.* Washington, ed. Jeffrey D. Sachs, National Bureau of Economic Research, 1989.

Fujita, N. & James, W. Exports and technological changes in the adjustment process of the Japanese economy in the 1970s. *Hitotsubashi Journal of Economics*, 28(2), 1987.

FKI-Federation of Korea Industries. *Korea's economic policies: 1945-1985.* Seoul, 1987.

Kagami, Mitsuhiro. A fiscal comparison of Asia and Latin America. *Symposium on Present and future of the Pacific basin economy – A comparison of Asia and Latin America.* Tokyo, Institute of Developing Economies (IDE), July, 1989.

Kihl, Young W. South Korea's search for new order: an overview. In: *Political change in South Korea.* New York, ed. Ilpyong Kim e Young W. Kihl, The Korean PWPA Inc., 1989.

Kim, C.I. The South Korean military and its political role. In: *Political change in South Korea.* New York, ed. Ilpyong Kim e Young W. Kihl, The Korean PWPA Inc., 1989.

Koo, Bon-Ho & Nam Sang. Economic development in resource poor countries: The case of Korea. *Symposium on Present and future of pacific basin economy – A comparison of Asia and Latin America.* Tokyo, Institute of Developing Economies (IDE), July, 1989.

Kubo, T. & Robinson, S. Sources of industrial growth and structural change: a comparative analysis of eight economies. *Proceedings of the seventh international conference on input-output techniques.* New York, Unido, 1984.

Kuznets, P.W. The Korean economy: a contemporary case of accelerated growth. In: Cole, D.C.; Youngil, L. & Kuznets, P.W., ed. *The Korean economy: issues of development.* Berkeley, University of California Press, 1980.

Mahn Je, Kim. Korea's adjustment policies and their implications for other countries. In: *Growth-oriented adjustment programs.* Washington, ed. V. Corbo, M. Goldstein e M. Khan, The World Bank, 1987.

Nam, Sang Woo. Comment on Aghevli e Marquez-Duarte. A case of successful adjustment in developing country: Korea's experience during 1980-84. In: *Eco-*

*conomic adjustment: policies and problems.* Washington, ed. Sir Frank Holmes, International Monetary Fund, 1987.

Ohno, Koichi. Changes in trade structure and factor intensity: a case study of the Republic of Korea. *The Developing Economies*, 26(4), 1988.

Ohno, K. & Imaoka, H. The experience of dual-industrial growth: Korea and Taiwan. *The Developing Economies*, 25(4), 1987.

Rhee, Hang Y. The economic problems of the Korean political economy. In: *Political change in South Korea*. New York, ed. Ilpyong Kim e Young W. Kihl, The Korean PWPA Inc., 1989.

Sachs, Jeffrey. Trade and exchange rate policies in growth-oriented adjustment programs. In: *Growth-oriented adjustment programs*. Washington, ed. V. Corbo, M. Goldstein e M. Khan, The World Bank, 1987.

Tho, Tran Van. Foreign capital and technology in the process of catching up by the developing countries: the experience of the synthetic fiber industry in the Republic of Korea. *The Developing Economies*. 26(4), 1988.

The World Bank. *Korea: managing the industrial transition*. Washington, World Bank, 1987.

The World Bank. *Korea: the management of external liabilities*. Washington, World Bank, 1988.